



A Sociedade em rede

A história das sociedades humanas, suas relações na Era da Informação.

Profa. Gabriela Alexandra Mitidieri Malta Cals Theophilo

1. Itens iniciais

Propósito

Apresentar criticamente os caminhos e descaminhos que vieram a constituir o mundo que hoje compartilhamos, mostrando possibilidades de mudança e de construção de novos futuros.

Objetivos

- Identificar como as diversas sociedades se constituíram e se relacionaram;
- Reconhecer os problemas e as oportunidades trazidas pela consolidação das Sociedades em Rede no século XX;
- Relacionar a constituição das chamadas Sociedades em Rede no século XXI.

Introdução

Este tema oferece uma jornada pelo desenvolvimento das sociedades humanas, explorando suas dinâmicas de constituição, relações e transformações ao longo do tempo.

Analisaremos como diferentes sociedades se organizaram e interagiram ao longo da história. Em seguida, discutiremos sobre os desafios e as oportunidades trazidas pela consolidação das Sociedades em Rede no século XX, período marcado por avanços tecnológicos e profundas mudanças sociais. Finalmente, conectaremos esses fundamentos ao contexto do século XXI, compreendendo o impacto das Sociedades em Rede na era digital e globalizada.

Introdução

Desde pequenos, nós aprendemos que vivemos em sociedade. Convivemos com nossa família (em suas diferentes composições) e, com ela, nós:

Linguagem

Aprendemos a falar; assimilamos nossa língua materna.



Valores

Absorvemos valores; internalizamos gestos e códigos de conduta moral.



Comportamento

Aprendemos a respeitar regras e descobrimos os tipos de comportamento que devemos ter para uma boa convivência social.



O sociólogo alemão **Norbert Elias** publicou, em meados do século XX, um livro chamado *O Processo Civilizador*, em que analisava como costumes, gestos e regras de etiqueta são incorporados e transmitidos culturalmente de geração em geração.

Norbert Elias

Norbert Elias (1897-1990) passou décadas em relativo anonimato, mas alcançou grande reconhecimento internacional ainda em vida, a partir da década de 1970, tornando-se um dos sociólogos mais influentes do século XX.

Ou seja, se hoje, nas sociedades ocidentais capitalistas, comemos de garfo e faca e aprendemos que não é correto falar de boca cheia, é porque esses gestos são exemplos de construções culturais e coletivas incorporadas por aqueles que nos criaram e que nos foram transmitidas sem que nos questionemos.



Ao longo da vida, inicialmente com nosso núcleo familiar e, depois, na escola, até a fase adulta, vamos desenvolvendo uma série de competências que nos permitem viver e trabalhar coletivamente.

Como isso tudo parece um processo natural, dificilmente paramos para nos perguntar:

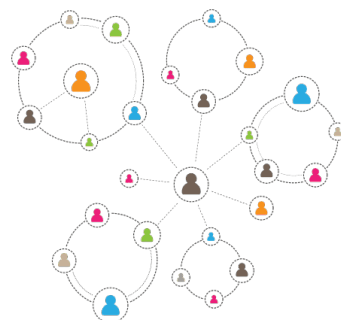
O que é sociedade? Isso que chamamos de sociedade existiu desde sempre? É possível vivermos isolados? De quais diferentes maneiras, historicamente, nós fomos e estamos conectados?

O conceito de Sociedade

De acordo com a definição mais simples, sociedade é um tipo de sistema coletivo que se distingue por características culturais, estruturais e demográficas / ecológicas. Trata-se de um sistema definido por um espaço geográfico (que pode, ou não, coincidir com as fronteiras dos Estados-nação), no interior do qual grupos de pessoas compartilham de uma cultura e estilos de vida comuns, com relativa autonomia em relação a outras sociedades.

Não há, porém, uma definição última e fechada desse conceito – que pode, também, ser explicado como um espaço familiar no qual se inscrevem práticas individuais e coletivas (sempre em relação) e todas as suas representações, ou seja, os imaginários, visões de mundo etc. As análises sociológicas e antropológicas podem estudar as sociedades a partir de diferentes níveis de realidade social, ou de sistema de relações: enfocando o ordenamento político, econômico, religioso ou, de modo geral, cultural.

Atualmente, a maioria de nós vive no que os antropólogos chamam de sociedades complexas, isto é, integradas por grandes grupos populacionais, interligados culturalmente e regidos por normas compartilhadas, dispondo de técnicas sofisticadas de transporte, comunicação e produção, além de acentuada divisão do trabalho.



Isso quer dizer que nós estamos efetivamente conectados e somos totalmente dependentes uns dos outros.

Vamos pensar no que é uma troca?



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Nossa própria vida também é subdividida em espaços e períodos diversos. Temos o tempo do trabalho, o tempo do lazer, o tempo da família e, em cada um desses períodos, convivemos com pessoas diferentes.

Mas, ao longo da história humana, nem sempre as coisas funcionaram assim. Como vocês devem saber, a nossa espécie, como todas as espécies de animais, tem um nome: somos os ***Homo sapiens sapiens***:

Homo sapiens sapiens

É o nome usado para denominar a subespécie humana que caracteriza o homem moderno.

O significado de *homo sapiens sapiens* é homem que sabe o que sabe. Faz referência à sua característica mais marcante: o cérebro desenvolvido.

Sapiens sapiens

Ao longo do que chamamos, convencionalmente, de Pré-história (aqueles milhares de anos em que a humanidade não tinha desenvolvido formas de escrita), diversos tipos do gênero *homo* viveram, inclusive nas mesmas épocas, já que o processo evolutivo nunca foi linear. No interior desse gênero, a espécie que se perpetuou, a que conseguiu desenvolver mais tecnologias e cujo cérebro mais cresceu foi a nossa, *sapiens sapiens*.



Homo sapiens caçadores-coletores

Os primeiros bandos de *homo sapiens* eram caçadores-coletores, pois ainda não se sabia como plantar alimentos. Segundo Harari (2015), no livro *Sapiens: uma breve história da humanidade*, esses bandos eram relativamente pequenos, pois a necessidade de deslocamento constante em busca de abrigo e alimentos não permitia a articulação e organização de muitas de pessoas. Além disso, a mortalidade era grande, tanto por doenças e acidentes, quanto por ataques de animais.



Relacionamento com outros bandos

Devido a essas circunstâncias, ainda segundo Harari (2015), membros de um mesmo grupo conheciam-se e conviviam sempre intimamente. Às vezes, era possível desenvolver relações amigáveis com membros de outros bandos, mas, não raramente, os bandos vizinhos competiam por recursos e até lutavam uns com os outros. Assim sendo, em função dos contínuos deslocamentos (influenciados pela mudança das estações, pela migração anual de animais e pelo ciclo de crescimento das plantas) e da pouca convivência com outros grupos, uma pessoa vivia muitos meses sem ver ou ouvir um indivíduo de fora de seu bando e, ao longo de sua vida, encontrava não mais do que algumas centenas de humanos.



Desenvolvimento da agricultura

Essa situação mudaria completamente a partir do desenvolvimento da agricultura e da contínua sedentarização da espécie humana. Depois de muitas migrações e da povoação de todo o planeta, vários desses grupos foram se assentando, especialmente nas margens de rios e locais de solos férteis. Ainda de acordo com Harari (2015), atualmente, já se sabe que as práticas agrícolas de variados alimentos começaram mais ou menos simultaneamente em diversos lugares do mundo, entre diferentes grupos de homo sapiens. No entanto, essa interpretação difere de outra, mais antiga, que dizia que a agricultura teria começado em um único ponto e, a partir dele, se expandido para outras regiões, com o conhecimento passado através dos grupos populacionais.



Atenção

Importante dizer que, ao contrário do que se imagina, a sedentarização e a agricultura, inicialmente, não representaram uma melhora significativa na vida dos homens, que passaram a trabalhar mais horas por dia e a ter uma alimentação muito menos variada, totalmente dependente do produto da estação. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a sedentarização lançou as sementes do que viria a ser o mundo atual (em sua maior parte), com o progressivo desenvolvimento da divisão do trabalho, das hierarquias sociais e da exploração de alguns grupos sobre outros.

A sedentarização também permitiu o gradual desenvolvimento de novas tecnologias, visto que, em alguns grupos foi possível o período do estudo e da contemplação. O aumento demográfico e o crescimento dos sistemas de troca (posteriormente, do comércio) lançariam as bases da contínua relação entre os diversos grupos humanos do planeta.

Confira mais algumas informações sobre a evolução da sociedade.

O Mundo Antes das Grandes Navegações

É preciso lembrar, no entanto, que durante muitos séculos de sedentarização do homo sapiens e de trocas culturais e comerciais entre populações, não houve internet, telefone, televisão, imprensa ou meios de transporte velozes. Isso quer dizer que, de aproximadamente 5000 anos a.C. até as Grandes Navegações dos séculos XV e XVI (das quais falaremos), as trocas eram, sobretudo, locais, de poucas distâncias, e o mundo conhecido era aquele que se conseguia percorrer a pé ou fazendo uso de pequenas embarcações, cavalos ou camelos. Os povos que habitavam o que hoje chamamos continente americano não conheciam as populações da Europa e vice-versa.



Estruturas Políticas e Sociais Pré-Modernas

Importante enfatizar, ainda, que as unidades regionais, populacionais e políticas que se relacionavam tinham formas de funcionamento muito diferentes das nossas. Até, aproximadamente, o século XVI, não havia na Europa a organização (por isso mesmo chamada de moderna) dos Estados nacionais. O território repartia-se em unidades feudais durante a Idade Média, pequenos reinos sem uma estrutura política forte, ou cidades-estados. No norte da África e no Oriente Médio, as estruturas também não eram as mesmas que hoje conhecemos. Militares, comerciantes e religiosos eram categorias profissionais que circulavam bem mais que os outros, em campanhas de conversão, guerras e trocas (muitas vezes intensas) de produtos.



A Lenta Circulação de Notícias

As notícias circulavam de uma região a outra de forma bem lenta. Como veremos, a seguir, a imprensa desenvolve-se na Europa apenas no século XV, momento a partir do qual cada vez mais papéis e informações começariam a circular pelas diversas regiões do mundo. Aliás, além da invenção da imprensa, os séculos XV e XVI compõem o período temporal considerado por muitos historiadores como um dos primeiros momentos da constituição de um mundo globalizado (ainda que, claro, não nos mesmos moldes do século XX). A chegada do europeu, inicialmente em toda a costa africana e, mais tarde, nas Américas, mudaria o mundo para sempre.



A formação do sistema-mundo-colonial-moderno

Para entendermos as modificações no nível de circulação de pessoas, objetos, papéis e culturas a partir do século XVI, é necessário que nos recordemos de uma série de mudanças que vinha acontecendo na Europa desde o fim do século XV. A partir, aproximadamente, do século X, a população europeia começa a aumentar em função do desenvolvimento de técnicas agrícolas e da diminuição da violência do mundo feudal. No interior do cristianismo, embora o catolicismo ainda seja muito poderoso, agora está em disputa com as vertentes protestantes em diversas regiões da Europa. Sendo assim, no território europeu, o catolicismo vai, aos poucos, perdendo a hegemonia de visões e explicações do mundo. As universidades, que já existiam na Europa, desde o século XII, começam a se secularizar – isto é, começam a ser assumidas por estudiosos que não são, necessariamente, parte da hierarquia eclesiástica.

A educação deixa, aos poucos, de ser monopólio da Igreja Católica. Os estudos feitos no âmbito do que se denominou de Renascimento – estudos de Física, Química, Astronomia, Anatomia – favorecem o desenvolvimento de novas tecnologias – tecnologias de transporte, navegação e comunicação, mas, também, abrem caminhos para novas análises botânicas, de fauna, análises médicas, históricas, linguísticas e antropológicas.

A chegada no novo mundo – já impulsionada e possibilitada pelos estudos mencionados anteriormente – é o encontro com outro clima, com outras formas de vida, outros tipos de fauna e flora, outras centenas de línguas que os europeus, árabes e orientais não imaginavam existir. Esse encontro, aliado com as transformações que já vinham acontecendo, fomentará, definitivamente, o desenvolvimento do capitalismo – especialmente a partir dos processos de colonização das Américas e, posteriormente, do estabelecimento da escravidão africana. A partir do século XVI, portanto, o mundo se modificaria para sempre, e a circulação de culturas, visões de mundo, pessoas, objetos, comidas, sementes, animais e saberes se tornaria cada vez mais intensa.



Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500.

Alguns historiadores e sociólogos analisaram essa primeira fase da mundialização. Para eles, o desenvolvimento acelerado do capitalismo é, sem dúvidas, o processo mais marcante desse período. O sociólogo e cientista político **Immanuel Wallerstein** (2011), elaborou a importante teoria do sistema-mundo moderno. Em obra de quatro volumes, ele afirma que as origens do atual sistema econômico global se situam entre finais do século XV e as primeiras décadas do século XVI.

Immanuel Wallerstein

Foi um sociólogo estadunidense, mais conhecido pela sua contribuição fundadora para a teoria do sistema-mundo.

A sua crítica ao capitalismo global e o apoio aos movimentos antissistêmicos espalharam a sua fama e tornaram-no um arauto.

Assim, o mundo todo passaria a ser conectado por suas relações econômicas, estabelecendo-se uma **Divisão Internacional do Trabalho**, caracterizada pela formação de centros, periferias e semiperiferias.

Divisão Internacional do Trabalho

Define-se como a especialização produtiva de países e regiões em fases de intensificação de troca comercial. Essa especialização se consolida, assim, em momentos de expansão da globalização.

Nessa divisão, cada região passaria a ocupar uma função na nova ordem capitalista. Dessa forma, os centros passariam a fabricar os produtos de maior valor agregado (que exigem mais tecnologia) e as periferias e semiperiferias, produtos agrários e matérias-primas, em geral.



A colonização (externa) das Américas, com exploração de produtos e mão de obra pela Europa, bem como a colonização interna na própria Europa, com a expropriação de terras e marginalização dos mais pobres, permitiu o que se chama de acumulação primitiva de **capital**, que serviu ao financiamento da industrialização nesse território. A partir desse momento, portanto, a interdependência entre as diversas regiões do planeta se acentuaria progressivamente, porém sempre de forma desigual.

capital

Acumulação primitiva de capital foi um conceito elaborado por Karl Marx e, até hoje, é largamente utilizado nos estudos sobre o capitalismo.

Prosseguindo nosso panorama histórico, devemos lembrar da Revolução Industrial na Europa no século XVIII. Mas você pode se perguntar: O que a Revolução Industrial na Europa tem a ver com o estreitamento de relações e conexões entre todas as partes do mundo? Ora, a história desse estreitamento de relações está intrinsecamente relacionada com a história do capitalismo. Bom, o que os historiadores chamam de Revolução Industrial – que se desenrolou, inicialmente, na Inglaterra, e depois se consolidou em diversos países da Europa – foi um conjunto de transformações especialmente nos processos produtivos e nas relações de trabalho.

O desenvolvimento de novas máquinas acelerou enormemente o ritmo de produção nas fábricas e as relações salariais de trabalho, com a expropriação de terras dos camponeses foram se generalizando, substituindo outras formas de existência e subsistência. No século XIX, esse movimento se intensificou, agregando novas tecnologias de comunicação e de transporte (que serviam ao escoamento de produtos e à circulação de pessoas).

O século XIX e a difusão do capitalismo e da cultura europeia no mundo

Dois processos de dimensão mundial marcaram o século XIX: o neocolonialismo (imperialismo) e a independência das antigas colônias europeias na América Latina.

Chamamos neocolonialismo ou imperialismo a dominação europeia sobre enormes territórios nos continentes africano e asiático. Muitos fatores podem ser elencados para explicar esse fluxo, dentre eles:

- As inovações da Revolução Industrial e a associação das indústrias com os bancos, gerando créditos, aumentaram exponencialmente a produtividade e era preciso, por isso, buscar novos mercados.
- Ao longo do século XIX, ganharam força as teorias racialistas, que julgavam a raça branca superior às demais – que deveriam, portanto, ser sujeitadas e conduzidas à verdadeira civilização.



Comércio de Escravos.



China - o bolo dos Reis e Imperadores: charge mostrando a Grã-Bretanha, Alemanha, Rússia, França e Japão dividindo a China.

O neocolonialismo marginalizou e desagregou, em grande parte, as culturas, os idiomas e os modos de vida locais, tanto no continente africano, quanto no asiático.

Evidentemente, houve resistência, mas, ainda assim, as dominações militar e econômica se impuseram. O neocolonialismo significou, então, a difusão tanto do capitalismo, quanto da cultura europeia em grande parte do planeta.

Por outro lado, como dito, nas primeiras décadas do século XIX, a maior parte das colônias latino-americanas conquistou sua independência política, a qual não significou, de modo algum, uma independência econômica e cultural. No interior dos debates **decoloniais**, autores como Aníbal Quijano e Ramón Grosfoguel (2007), entre outros, desenvolveram o conceito de colonialidade, para caracterizar um tipo de dominação diferente da dominação política e territorial do colonialismo. A colonialidade é a nossa colonização enquanto sujeitos, inseridos num mundo hierarquizado e racializado.

decoloniais

Os debates decoloniais desenvolveram-se como desdobramento crítico dos debates pós-coloniais – engendrados, por sua vez, por intelectuais originários de países africanos e asiáticos no período pós-independência política.

O movimento decolonial denuncia a continuidade da colonialidade do poder, do saber e do ser mesmo após a fase de dominação política. Além disso, o grupo de intelectuais decoloniais propõe novas formas de análise do mundo a partir do diálogo entre variadas formas de pensamento (como o pensamento indígena, além do europeu).

O que isso quer dizer?



Atenção

Segundo os estudiosos citados, isso significa que nós fomos formados – nossos hábitos, gestos, gostos, nossas formas de pensar – a partir da cultura e da racionalidade europeia que, por sua vez, era altamente racista e **patriarcal** (ordem social centrada na descendência patrilinear e no controle dos homens sobre as mulheres). A colonização e a formação nacional da América Latina a partir dos parâmetros europeus marginalizou todos os grupos não brancos. Ou seja, de modo geral, todas as formas de vida, culturas e línguas que não se enquadravam no ideal de homem branco, saudável, chefe de família.

Desse modo, a partir da metade do século XIX, período de expansão do neocolonialismo, até a metade do século XX, o sistema capitalista se impôs (sempre de forma desigual) no mundo todo, da mesma forma que a cultura europeia se impôs como hegemônica.

Isso não significa que outras formas culturais tenham deixado de existir, mas que elas foram sendo progressivamente postas à margem.

Existe outro processo histórico que acompanha o desenvolvimento do capitalismo e que nos ajuda a compreender as formas de vida e de relação das sociedades globais: **a formação da ideia de indivíduo e da ideia de sociedade como soma de indivíduos.**

Diferentemente da vivência comunitária da Europa Medieval, ou das relações baseadas em núcleos tribais ou de clã, o desenvolvimento da lógica capitalista centrará cada vez mais no indivíduo a responsabilidade por si e pelos seus consanguíneos próximos. Assim, a vida privada separa-se da vida pública e se torna até mais importante do que ela – ou seja, a busca pela felicidade individual (muitas vezes representada pela capacidade de consumo) vai se sobrepor, progressivamente, às preocupações com a vida coletiva e com a atuação pública, cidadã.



Verificando o aprendizado

Questão 1

(UESC/BA) Entre os séculos XVI e XVII, a economia europeia expandiu suas fronteiras por meio de:

- A Conquista de terras no norte da África.
- B Exploração das áreas coloniais no Novo Mundo.
- C Alianças entre comerciantes católicos e protestantes.
- D Acordos estabelecidos com comerciantes árabes no Oceano Pacífico.



A alternativa B está correta.

O processo designado por historiadores e sociólogos como o primeiro movimento de mundialização, teve início no século XVI e foi caracterizado pela chegada dos europeus no Novo Mundo, com a subsequente colonização dessas terras.

Questão 2

(UEG 2005) As nações imperialistas tiveram enormes lucros na expansão colonialista do século XIX, solucionando parcialmente suas crises de mercado e de superpopulação e propiciando a intensificação de seu desenvolvimento. Em relação ao imperialismo (neocolonialismo), assinale a alternativa correta:

- A política imperialista era justificada com base na ideia de que os europeus levavam o progresso e, consequentemente, melhores condições de vida para onde se dirigiam. O ideal de expansão da fé cristã do século XVI foi substituído pela ideia de missão civilizadora do século XIX.

B Para as regiões colonizadas, o imperialismo representou a sua desestruturação política e cultural e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento socioeconômico expressado na educação e industrialização.

C A dominação imperialista era realizada de forma direta, com a ocupação dos principais cargos governamentais por agentes metropolitanos que deveriam respeitar as tradições locais. Dessa forma, verificaram-se avanços sociais nos países coloniais.

D A unificação da Alemanha e da Itália favoreceu um relativo equilíbrio nas disputas imperiais, uma vez que alemães e italianos propunham a incorporação efetiva dos nativos das colônias como cidadãos plenos.

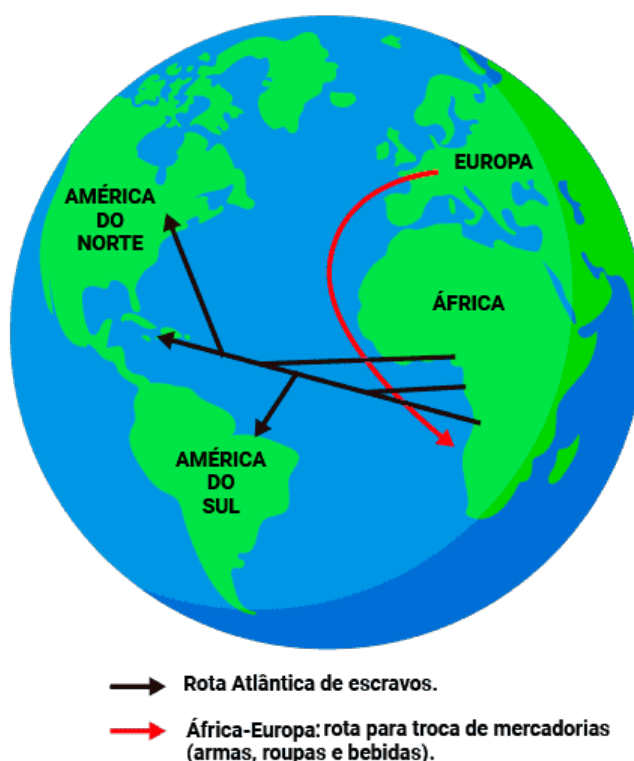


A alternativa A está correta.

O imperialismo, ou neocolonialismo do século XIX – que significou a difusão do sistema capitalista e da cultura europeia em todo o mundo – teve motivações e justificativas econômicas e ideológicas, como, por exemplo, a de levar civilização e progresso para as regiões e povos dominados, considerados inferiores pelos europeus. No entanto, isso não significou, efetivamente, uma melhoria da qualidade de vida dessas populações, que tiveram sua força de trabalho explorada e sua cultura desprezada.

Limites e possibilidades das Sociedades em Rede no século XX

Façamos um pequeno resumo das primeiras etapas da mundialização, antes de chegarmos ao século XX. A construção da interdependência entre as diversas regiões do globo esteve, desde o século XVI, intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento do sistema capitalista. As chamadas Grandes Navegações desse período possibilitaram a ligação entre Américas, África e Europa, a partir do comércio, da escravidão e da colonização.



O processo de colonização e de espoliação das colônias, por sua vez, acelerou o curso de industrialização no continente europeu, de modo que, no século XVIII, a Inglaterra passou pela primeira Revolução Industrial, seguida, ao final do século, por outras potências europeias, tais como França e Alemanha.

colonização e de espoliação das colônias

O sistema de colonização tinha como pressuposto lucrar com a colônia. A ideia de desenvolvimento ou continuidade de terra vai surgir muito mais tarde.

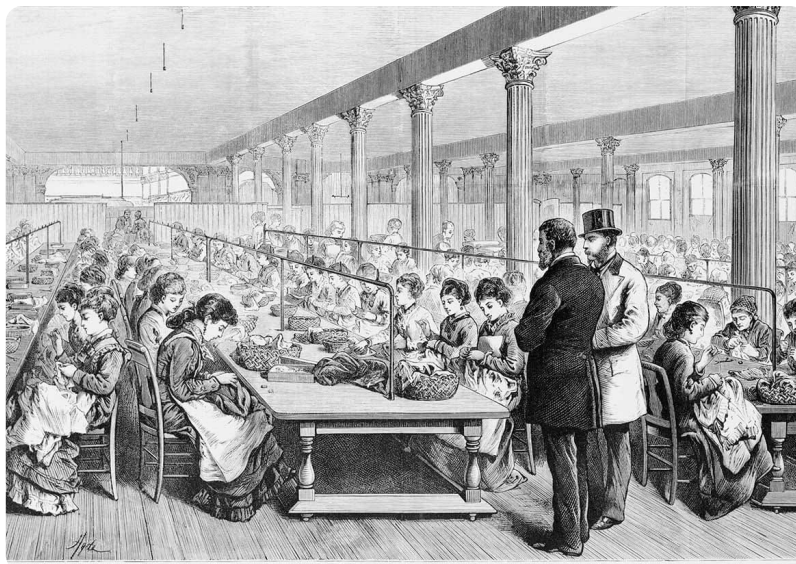
Século XIX

No século XIX, essas potências europeias competiam entre si por poder e mercados para seus produtos, cada uma delas tentando proteger e fortalecer a própria economia. Desse modo, os Estados nacionais ainda detinham muito poder e estabeleciam medidas protecionistas para suas indústrias. É nesse momento, também, que o capital financeiro (dos bancos) se une ao capital industrial na Europa, gerando crédito e

facilitando o aumento acelerado da produção. Por outro lado, a população europeia não tinha condições de consumir tudo que estava sendo produzido.

medidas protecionistas

Protecionismo: Sistema que protege a indústria e o comércio de um país, através da criação de leis que não autorizam, ou dificultam, a importação de certos produtos, geralmente pela aplicação de altas taxas aos produtos estrangeiros. (DICIO, 2020)



A necessidade de novos mercados para produtos europeus é um dos fatores que explica o processo de colonização ou neocolonização de grande parte dos territórios africano e asiático por países europeus. Havia, claro, uma série de outras circunstâncias e motivos culturais/ideológicos – como a crença na superioridade europeia e o racismo. Assim sendo, é a partir desse momento que as indústrias começarão a ser transferidas para além do território europeu.

As relações salariais, o modo capitalista de produção e a cultura ocidental vão se impondo em regiões que ainda não haviam sido dominadas por completo. Ao final do século XIX, o sonho europeu de dominação parecia haver se concretizado, se não fossem as tensões cada vez maiores entre as diferentes nações. Como se sabe, essas tensões (disputas por poder e territórios) resultarão na Primeira Guerra Mundial em 1914 e, posteriormente, na Segunda Guerra, marcada não apenas pela violência dos combates, mas pelo **genocídio nazista na Alemanha**.

genocídio nazista na Alemanha

O nazismo é um dos temas mais estudados na história do ocidente, e foi representado em uma infinidade de livros, filmes e séries. É preciso, sempre, lembrar os horrores desse fenômeno, para que não nos acostumemos com a barbárie.



Primeira Guerra Mundial



Segunda Guerra Mundial

Com o fim da Segunda Guerra e com o território europeu devastado, teve início um esforço internacional para promoção de um conjunto de pautas construídas por movimentos políticos e organizações da sociedade civil na Europa e fora dela, visando a um novo contrato de paz mundial. Em todo o globo buscava-se a criação de um outro modo de estabelecimento das relações internacionais, edificava-se uma crítica contundente ao racismo e à xenofobia, procurava-se afirmar um mundo de alianças multilaterais e multiculturais.

xenofobia

Aversão a pessoas ou coisas provenientes de países estrangeiros: Refugiados sofriam xenofobia em alguns países. (DICIO, 2020)



1948

Em 1948, a recém criada ONU (Organização das Nações Unidas) aprovou a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, um documento de construção coletiva que visava estabelecer prescrições humanistas a serem respeitadas por todos os países-membros e com aspiração à universalidade.



Curiosidade

Segundo a ONU, a Declaração Universal dos Direitos Humanos é: “Um documento marco na história dos direitos humanos. Elaborada por representantes de diferentes origens jurídicas e culturais de todas as regiões do mundo, a Declaração foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de dezembro de 1948”. (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020)

1955

Em 1955, a Conferência de Bandung reuniu 29 países africanos e asiáticos com o objetivo de costurar, para o futuro, uma nova força política global, terceiro-mundista. Tratava-se de combater o colonialismo e os neocolonialismos, além de reafirmar direitos fundamentais, soberania e autodeterminação dos povos.

Nesse mesmo período, começou a se pensar e construir as chamadas zonas de livre comércio, como a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) e a Comunidade Econômica Europeia (CEE). Esses órgãos deram origem à atual União Europeia (EU) que, além de representar uma zona de livre comércio com moeda unificada, também facilita a circulação de pessoas entre os países-membros e estabelece legislação em comum sobre certo número de questões. As zonas de livre comércio e circulação foram fundamentais para o aprofundamento do processo de internacionalização de empresas e capitais no século XX.

O período situado entre as décadas de 1950 e 1970 foi de grande crescimento econômico em todo mundo, mesmo para os países periféricos, os quais conheceram um período de maior industrialização e melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores formais. Pelo menos três fatores podem ser elencados para explicar essa (considerada por muitos) como a Idade de Ouro do capitalismo no Ocidente:

Desenvolvimento de novas tecnologias

O esforço de guerra tanto entre 1914 e 1918, quanto entre 1939 e 1945, com grande parte das indústrias e das pesquisas convertidas para a fabricação de material bélico, impulsionou o desenvolvimento de novas tecnologias – como, por exemplo, de transporte e comunicação. Essas tecnologias passaram a ser utilizadas para aumentar a produtividade de fábricas.

Intervenção econômica dos Estados Nacionais

Outro fator importante foi a grande intervenção econômica dos Estados Nacionais nesse momento, promovendo políticas públicas para reerguer a Europa – e, tanto na Europa quanto nos EUA, para competir com a URSS. Ao final da Segunda Guerra Mundial, o mundo conheceu duas novas potências militares e econômicas: os EUA e a URSS. Durante décadas, EUA e URSS disputaram zonas de influência no mundo, sem que isso desencadeasse uma guerra, efetivamente.

Mudanças no capitalismo

Depois da quebra da bolsa de valores norte-americana em 1929 e das Guerras, era preciso construir um capitalismo que permitisse a interferência do Estado e que desse espaço para a proteção e o aumento da qualidade de vida dos trabalhadores. Desse modo, acreditava-se, a chance de uma adesão desses trabalhadores ao discurso socialista seria menor.

O Pós-Segunda Guerra seria o momento de ascensão dos EUA sobre a economia e a cultura mundial. Como assim? Após a crise de 1929, os Estados Unidos estabeleceram um programa de recuperação econômica chamado New Deal, que consistia em alto investimento estatal para mitigar a onda de desemprego e falências. Esse projeto bem sucedido, somado ao fato de que os EUA não sofreram tão fortemente os efeitos devastadores da Primeira e Segunda Guerras (já que os combates não ocorreram em seu território), favoreceram-no enormemente na conjuntura pós-guerra.

O país tornou-se o maior credor da reconstrução europeia e estabilizou-se como a principal potência do Ocidente capitalista. Além disso, como dito anteriormente, o esforço de guerra impulsionou o desenvolvimento de tecnologias que passaram a ser utilizadas não apenas na indústria, mas na comunicação e na publicidade. É nesse período, a partir dos anos 1950, que o marketing e a publicidade começam a desenvolver-se como campo autônomo no país, utilizando os recursos da chamada comunicação de massa – rádio, TV, cinema.



Será a partir desses recursos que a cultura de massa no modelo estadunidense será exportada para todo o mundo – especialmente as culturas do consumo como forma de realização pessoal, e do **Self-Made Man**.

Temos, então, um mundo já conectado pela informação que se difunde rapidamente via rádio e televisão, e pela publicidade neles veiculada.



Curiosidade

Você sabe o que é Self-Mad-Demand?

Self-Made Man é uma expressão que designa o homem que constrói a si mesmo, que vence por conta própria, muito associada à ideia de empreendedorismo e que a prosperidade e a felicidade dependem apenas de nós mesmos. Essa ideia pode ser bastante falaciosa quando se considera as enormes desigualdades de acesso a recursos materiais, educacionais e culturais entre os diferentes grupos sociais.

1960

Nos anos de 1960, o professor de Literatura e teórico da comunicação canadense Herbert Marshall McLuhan cunhou, nos textos *A galáxia de Gutenberg* e *Os meios de comunicação como extensão do homem*, o termo **Aldeia Global**.

Aldeia Global

O autor acreditava que, devido à diminuição das distâncias e barreiras geográficas, o planeta se reduziria a uma organização semelhante a aldeias, onde tudo e todos estariam interconectados.

Estudando os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, ele afirmava que estávamos sendo retribalizados, ou seja, caminhávamos para o compartilhamento de uma cultura global, com pessoas, em todo o planeta, desenvolvendo os mesmos hábitos, comportamentos etc.

1980

Tendo sido criticado, posteriormente, por atentar mais ao veículo emissor do que às diversas recepções possivelmente criativas dessas informações e padrões transmitidos pelos meios de comunicação, ele passou a ser relido a partir dos anos 1980, período de ascensão da internet e do auge da difusão e da propaganda do termo globalização.



Saiba mais

Há muito material disponível sobre esse período da história norte-americana. Dentre os mais recentes e bem feitos, está a série *Mad Men*, que retrata a expansão de uma agência de publicidade nos anos de 1950 e 1960. A série está disponível em diversas plataformas de streaming (verifique a disponibilidade atual).

Também é interessante conhecer um pouco mais das estratégias de aproximação econômica e cultural dos EUA com a América Latina. Nesse sentido, a criação do personagem *Zé Carioca* por Walt Disney, é emblemática. Veja a história do *Zé Carioca* no DiariodoRio.com.

Sociedades em Rede em um novo mundo

Em 1973 ocorre a chamada crise do petróleo, que se torna uma crise do capitalismo no mundo todo. Ao mesmo tempo, entra em voga uma nova doutrina econômica, que ficou conhecida como neoliberalismo, elaborada e discutida por grupos de intelectuais das chamadas Escola Austríaca e Escola de Chicago. Nesse período, as grandes corporações multinacionais já dominavam o mundo ocidental (e dominarão o mundo todo a partir de 1989, com a Queda do Muro de Berlim).

Para superar a crise desencadeada pelo aumento dos preços do petróleo em 1973, os organismos internacionais de economia (FMI – Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, entre outros) criaram uma espécie de cartilha econômica que deveria ser seguida por todos os países.

As indicações contidas nessa cartilha eram, de modo geral, as seguintes:

- Disciplina fiscal;
- Redução dos gastos públicos;
- Reforma tributária;
- Abertura comercial;
- Investimento estrangeiro direto, com eliminação de restrições;
- Privatização das estatais;
- Desregulamentação (afrouxamento das leis econômicas e trabalhistas).

Essas regras seriam extremamente pesadas principalmente para os países mais pobres, cujos Estados ficaram impedidos de investir em políticas de assistência social. Ao mesmo tempo, as prescrições facilitavam a instalação de empresas multinacionais nesses países. Ao instalarem-se nos países periféricos, essas empresas puderam aproveitar os baixos salários e normas trabalhistas e ambientais muito menos rígidas do que nos países centrais.

A chegada dessas megacorporações significou, muitas vezes, o dismantelamento das formas de vida locais, das indústrias nacionais e de pequenos negócios das regiões em que se instalavam.

A maior parte das ações dessas empresas continuavam nas mãos de um pequeno grupo de pessoas, geralmente dos países de origem da marca.



Polo Industrial de Incheon - Coreia do Sul



Porto Comercial em Singapura

Muito foi denunciado, desde os anos de 1990, sobre a exploração do trabalho por essas grandes corporações.

Tratava-se de casos de trabalho infantil, trabalho análogo ao escravo, exploração do espaço sem respeito a regras de proteção ao meio ambiente, sem respeito a regras de segurança para os funcionários etc.

A **transnacionalização** das empresas aprofundou a Divisão Internacional do Trabalho, de modo que cada país se especializava na produção de uma determinada peça de um produto. Sendo assim, atualmente, cada parte de um carro é feita em um lugar, até que ele seja montado. Se comprarmos uma roupa de marca norte-americana conhecida, veremos que, raramente, ela terá sido feita nos EUA, mas, provavelmente, na Índia ou na China. Geralmente, a parte do trabalho mais qualificada e com maior uso de tecnologia de ponta, ainda se encontra nos países centrais.

transnacionalização

Transnacional: Que vai além das fronteiras nacionais, sendo comum a vários países, unidos política e economicamente; corporação transnacional. (DICIO, 2020)

Esse processo de difusão das multinacionais e de imposição da cartilha econômica neoliberal em todo o mundo foi acompanhado de muita propaganda e de um discurso valorativo, remetendo à concretização de um mundo *sem fronteiras* – mesmo que, concretamente, impedisse os Estados de investir em políticas públicas e tornasse a vida das populações mais pobres ainda mais difícil e instável.



O discurso vendido pelos defensores da **globalização** era o de um mundo unido pelo império da técnica, da circulação de informações e pelo desenvolvimento de uma espécie de cidadania universal. A ideia de Aldeia Global, interpretada incorretamente, foi utilizada para difundir a possibilidade de um afrouxamento de fronteiras, para desenhar um mundo de liberdade.

globalização

Perspectiva social a partir da Nova Ordem Mundial, com o fim da Guerra Fria, em uma sociedade mais integrada. Tem diversas nuances e explicações, mas como fim, o princípio de redimensionamento das fronteiras políticas e sociais a partir dos fenômenos de integração mundial.

O cientista político canadense **Francis Fukuyama**, em artigos e livros escritos nos anos 1990, afirmaria que a história seria conduzida por um embate entre duas ideologias e que após a Queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, teria triunfado um consenso sobre a democracia liberal como forma política ideal em todo mundo, o que configuraria o fim dos grandes embates da história.

Francis Fukuyama

Yoshihiro Francis Fukuyama é um filósofo e economista político nipo-estadunidense, que ficou mundialmente conhecido em 1989, ao lançar um artigo intitulado *O Fim da História*, transformado em livro em 1992. Para ele, a maior fonte de problemas são os Estados falidos.

Foi devido a esse discurso que o geógrafo brasileiro **Milton Santos** (2001), em sua teoria crítica, falou de uma globalização como fábula, uma globalização como perversidade e uma globalização como possibilidade.

Milton Santos

Foi um geógrafo brasileiro, um dos grandes nomes da renovação da Geografia no Brasil ocorrida na década de 1970. Também se destacou por seus trabalhos sobre a globalização nos anos 1990. Sua obra caracterizou-se por apresentar um posicionamento crítico ao sistema capitalista e seus pressupostos teóricos dominantes na Geografia de seu tempo.

Globalização como fábula

A fábula, como história narrada oralmente e passada de geração em geração, tende a tornar-se senso comum, parte de um arcabouço cultural amplamente compartilhado e aceito. Sendo assim, Milton Santos (2001) chama a atenção para o discurso da globalização enquanto fábula ou ideologia, que se difunde como caminho único e inevitável para todos os povos, mas tende a mascarar as mazelas que produz.



Globalização como perversidade

Seria a globalização tal como ela é. De acordo com o autor, o avanço técnico-científico-informacional dominado pelos Estados (enfraquecidos) e, principalmente, pelas grandes empresas e corporações transnacionais, serviu à propagação de um discurso único, imposto pelos atores econômicos de maior poder (hegemônicos).

Esse discurso incluía, além da ideia de uma suposta cidadania universal, a supremacia do livre mercado (desregulação estatal e trabalhista, como previa a doutrina neoliberal) e as ideias de competitividade e consumo como valores prioritários.



Comentário

No entanto, assim como Santos (2001), outros intelectuais críticos da globalização nesses moldes ressaltam que o livre mercado nunca existiu, já que era monopolizado por um pequeno número de empresas, cujas ações estavam concentradas nas mãos de empresários de um pequeno número de países (os países centrais).

Uma competitividade nesse contexto, seja entre empresas ou entre indivíduos, por sua vez, torna-se apenas uma fábula, visto que as disparidades sociais e regionais em termos de escolaridade, saúde, qualidade de vida e acesso a recursos não foram sanadas – ao contrário, muitas foram aprofundadas com o processo de globalização do capital. Onde chegaram, como dito, as transnacionais desmantelaram territorialidades representando uma nova dinâmica para as **Sociedades em Rede**, para além da globalização.

Sociedades em Rede

Termo que nos remete à estrutura física de uma rede de integração, primeiro remetido a uma rede, como a de pesca, depois ampliado para redes complexas, como uma teia, e hoje a ideia de rede de computadores, em que é possível que todo o mundo se interconecte.

Nosso mundo está em constante mudança. Assista ao vídeo e entenda:



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

O antropólogo **Néstor García Canclini** (2014), de modo similar a Milton Santos (2001), também atentou para a relação da globalização com o capitalismo neoliberal e para o aprofundamento das desigualdades advindo desse processo. Ele afirma que, junto às transformações concretas na vida das pessoas, duras em grande parte, houve, também, uma globalização imaginada – justamente essa que vinha acompanhada de um discurso sobre fim de fronteiras e cidadania universal. Um ponto particular de sua reflexão, porém, é a análise dos impactos culturais desse fenômeno. De acordo com ele:

Néstor García Canclini

Néstor García Canclini é um antropólogo argentino contemporâneo. O foco de seu trabalho é a pós-modernidade e a cultura a partir de ponto de vista latino-americano. É considerado um dos maiores investigadores em Comunicação, Estudos Culturais e Sociologia da América Latina.

O mundo globalizado não chega a ser homogêneo em termos culturais, mas se torna um espaço em que variadas culturas, formas de vida e visões de mundo estão em contínua negociação.

Assim como Santos (2001), Canclini (2014) acredita ser possível transformar a globalização em algo melhor, especialmente pelos processos de hibridação – diálogo contínuo e criativo entre culturas.

Para os dois intelectuais, o mais importante é que os povos sigam buscando criar e recriar seus caminhos e futuros coletivos, não aceitando que as formas de vida e relações de trabalho atuais sejam as únicas possíveis.



Saiba mais

- Sobre o neoliberalismo e as mencionadas escolas, leia o texto super didático do historiador Perry Anderson chamado *Balanço do Neoliberalismo*.
- Desde os anos de 1960, década de fundação da expressão Aldeia Global, até hoje, os países mais ricos jamais deixaram de proteger suas economias, especialmente nas áreas em que os países periféricos são mais competitivos, como a agricultura. A Divisão Internacional do Trabalho segue tendo uma estrutura similar à do século XVI, com países periféricos e semiperiféricos produzindo matérias-primas, e países centrais produzindo objetos de alto valor tecnológico e agregado. A toda essa configuração, que se tornou impositiva, Milton Santos chamou globalitarismo ou – como dito – globalização perversa.
- Para saber mais sobre os efeitos da globalização na América Latina e sobre o pensamento de Milton Santos, recomendo o documentário *O mundo global visto do lado de cá*, dirigido por Silvio Tandler, disponível no Youtube.

Verificando o aprendizado

Questão 1

(ENEM 2009) Certo carro esporte é desenhado na Califórnia, financiado por Tóquio, o protótipo criado em Worthing (Inglaterra) e a montagem é feita nos EUA e México, com componentes eletrônicos inventados em Nova Jérsei (EUA), fabricados no Japão. (...). Já a indústria de confecção norte-americana, quando inscreve em seus produtos Made in USA, esquece de mencionar que eles foram produzidos no México, Caribe ou Filipinas. (Renato Ortiz, *Mundialização e Cultura*) O texto ilustra como em certos países produz-se tanto um carro esporte caro e sofisticado, quanto roupas que nem sequer levam uma etiqueta identificando o país produtor. De fato, tais roupas costumam ser feitas em fábricas — chamadas maquiladoras — situadas em zonas-francas, onde os trabalhadores nem sempre têm direitos trabalhistas garantidos. A produção nessas condições indicaria um processo de globalização que:

- A Fortalece os Estados Nacionais e diminui as disparidades econômicas entre eles pela aproximação entre um centro rico e uma periferia pobre.
- B Fortalece igualmente os Estados Nacionais por meio da circulação de bens e capitais e do intercâmbio de tecnologia.
- C Compensa as disparidades econômicas pela socialização de novas tecnologias e pela circulação globalizada da mão de obra.
- D Reafirma as diferenças entre um centro rico e uma periferia pobre, tanto dentro como fora das fronteiras dos Estados Nacionais.



A alternativa D está correta.

O processo de transnacionalização de empresas e de difusão de meios de comunicação em massa não significou uma equalização de poderes no mundo – ao contrário, reforçou estruturas de centro e periferia que já estavam configuradas desde o século XVI.

Questão 2

(UERJ 2013/2) Veja a imagem:



ANDRÉ DAHMER
Adaptado de O Globo, 25/04/2012.

A crítica feita nos quadrinhos se relaciona com uma contradição do capitalismo globalizado, o qual se caracteriza simultaneamente por:

A

Elitização do acesso digital – popularização das mídias alternativas.

B

Requinte dos sistemas produtivos – declínio dos regimes democráticos.

C

Manipulação dos padrões técnicos – simplificação dos métodos de gestão.

D

Consumo de produtos sofisticados – exploração da força de trabalho fabril.



A alternativa D está correta.

A globalização foi caracterizada, muitas vezes, por enorme exploração do trabalho nos países periféricos, barateando os custos de produção – o que, por sua vez, possibilitou que grande parte da população mundial pudesse consumir os novos produtos da tecnologia informacional, como os *smartphones*.

Introdução

Em um primeiro momento, vamos compreender de que modos e em que medidas, cada vez mais, esses fluxos de informação definem nossa atuação no mundo, nossas práticas, nosso consumo, nossa cosmovisão. Em um segundo momento, analisaremos as formas pelas quais podemos usar esse fluxo de informações e essa conexão pelas redes para difundir material de qualidade sobre temas pertinentes à vida e para construir redes de solidariedade nas diversas comunidades das quais fazemos parte. Antes, porém, vamos relembrar como chegamos até aqui.

cosmovisão

Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte etc.). (DICIO, 2020)

Entre os anos de 1960 e 2000 o planeta passou por um processo de transnacionalização da economia e de uma certa cultura, com a migração de grandes corporações para as mais diversas regiões do mundo e a indústria e comunicação de massa, representadas especialmente pela televisão e pelo cinema, difundindo e estimulando padrões europeus/norte-americanos de vida, consumo, atuação e modelos políticos.

Autores como Milton Santos (2001) e Néstor García Canclini (2014), foram críticos a essa expressão da globalização que – no lugar de, efetivamente, conectar os povos e tornar a vida melhor para todos – jogou populações inteiras na miséria e não mudou as características desiguais da Divisão Internacional do Trabalho.



Ou seja, países que eram periféricos e semiperiféricos desde o século XVI continuaram mantendo sua condição de produtores de commodities e matérias-primas. Além disso, a imposição da cartilha econômica neoliberal em todo o mundo reduziu a possibilidade de os Estados nacionais investirem em políticas públicas de industrialização e assistência social para seus povos.

commodities

Tudo aquilo que, se apresentando em seu estado bruto (mineral, vegetal etc.), pode ser produzido em larga escala; geralmente se destina ao comércio exterior e seu preço deve ser baseado na relação entre oferta e procura. (DICIO, 2020)

Por outro lado, os dois autores também nos chamaram a atenção para as transformações culturais ocasionadas por esse processo. Essas mudanças, embora tenham tendido à homogeneização e ao compartilhamento global de símbolos e estilos de vida, também possibilitaram apropriações criativas por parte de grupos sociais diversos, que agora tinham acesso um pouco maior à informação e à tecnologia. Tanto Santos (2001), quanto Canclini (2014), analisaram algumas dessas apropriações no Brasil e na América Latina, vendo nelas possibilidades de criação ou invenção de uma outra globalização.



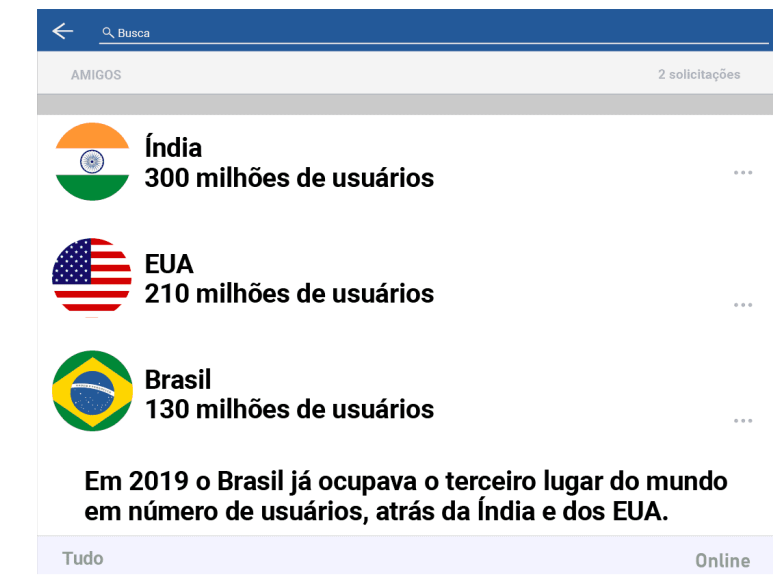
Atenção

Para Santos (2001), era importante que os povos não se deixassem convencer de que o mundo globalizado-hierarquizado-neoliberal e altamente desigual seria o único caminho possível. Era importante, assim, reinventar a utopia – desacreditada em função dos crimes da União Soviética e da Queda do Muro de Berlim – em novos moldes.

A ascensão das redes sociais no século XXI

A seguir, veremos alguns destaques da ascensão das redes sociais no século XXI.

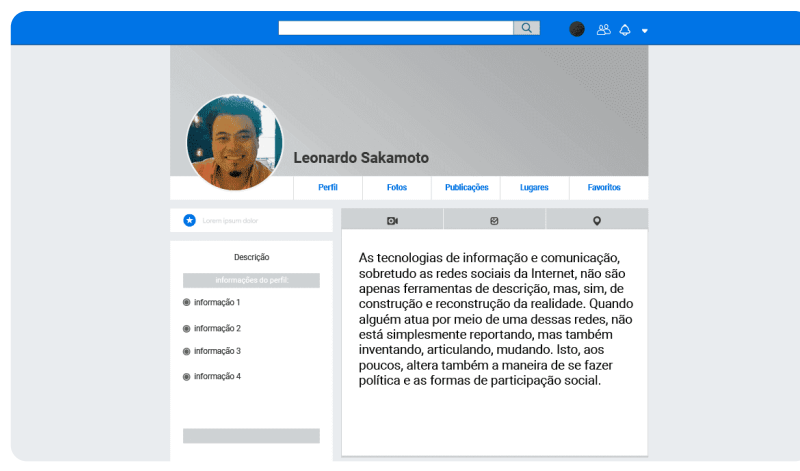




As redes sociais, em especial o Facebook, foram recebidas com entusiasmo em todo o mundo, não apenas pelo seu caráter de entretenimento, mas, sobretudo, pela percepção de que essas redes poderiam democratizar o acesso à informação e ao conhecimento, considerando-se que a chamada grande mídia, ou seja, as grandes redes de televisão e jornais em todo o mundo, sempre foram dominadas por um pequeno número de famílias e grandes corporações.

Além disso, os jornais televisivos, impressos ou digitais, representam uma difusão vertical da informação, com pouca ou nenhuma interação. Nas redes sociais, por sua vez, não apenas recebemos as informações, mas podemos comentar, compartilhar com textos críticos/analíticos, debater com outras pessoas, participar de grupos de discussão etc.

Segundo o jornalista e cientista político Leonardo Sakamoto (2013):



Com essa fluidez e rapidez, as redes sociais, tornando-se parte fundamental do ciberespaço transformaram-se em um lugar de encontro para uma grande massa de pessoas que, há muito tempo, não se sentia mais representada pela política institucional. Propaga-se, rapidamente, no Brasil e no mundo, o chamado ciberativismo.

Ciberativismo é, geralmente, definido como uma forma de utilização da internet por movimentos politicamente motivados. O autor Sándor Vég, em texto de 2003 denominado *Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank* dividiu o ativismo digital em três categorias:

Primeira categoria

Relacionada à promoção e divulgação de uma pauta ou causa política.

Segunda categoria

O uso da internet para a organização e mobilização de uma ação política.

Terceira categoria

Representada pelo ativismo *hacker*, com invasão ou congestionamento de sites.

Esse tipo de mobilização pela internet foi fundamental para a estruturação de uma série de movimentos políticos da sociedade civil, em todo o globo, a partir da primeira década dos anos 2000. Que movimentos foram esses, exatamente?



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

Fala, mestre!

O vídeo aborda a influência do mundo digital na educação e os desafios enfrentados por diretores de escola em adaptar-se a essa realidade. Discutem-se as mudanças de paradigma, comparando a revolução digital à revolução industrial e à era da internet. Há um destaque para a economia digital e a proliferação de plataformas educacionais, e também os impactos negativos dessas tecnologias, como a distração e problemas de saúde mental. Menciona-se, ainda, a reação das autoridades, como a proibição do uso de

celulares nas escolas do Rio de Janeiro. Por fim, o vídeo analisa como a tecnologia está afastando as famílias e ajustando as práticas de ensino, evidenciando exemplos como o uso de calculadoras e a importância do manuscrito para a aprendizagem.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para assistir ao vídeo.

A Era da Informação e da Pós-verdade

As eleições ocorridas entre 2016 e 2018 expuseram ao mundo o poder das novas tecnologias, em especial das redes sociais, em detrimento do antigo poder dos grandes veículos de imprensa. O momento posterior à eleição de Trump nos EUA foi permeado por uma série de investigações em torno do bombardeamento de *fake news* via redes sociais, e como essas notícias falsas teriam afetado os resultados da corrida eleitoral. Embora boatos e notícias falsas sempre tenham existido, agora elas passaram a circular em uma velocidade sem precedentes na história, e atingindo uma massa incalculável de pessoas.



As investigações iniciadas no Estados Unidos descobriram que esse tipo de notícia difundiu-se muito mais a partir de compartilhamentos, tendo alcançado um número muito maior de pessoas do que as notícias veiculadas nos canais tradicionais da mídia – que, por representarem o jornalismo profissional, têm um compromisso com os fatos, por mais que os modos de construção das narrativas, como sabemos, possam ser bastante tendenciosos.

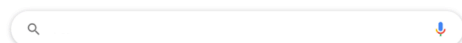
As redes sociais abriram a possibilidade de compartilhamento instantâneo de informações e imagens, que podem ser produzidas por qualquer pessoa. Ao mesmo tempo que isso, de fato, horizontaliza a divulgação e recepção das informações, deixa brechas para um fluxo imenso de notícias não averiguadas, descartáveis ou, simplesmente, falsas. As apurações das eleições norte-americanas mostraram para o mundo, ainda, que os caminhos de compartilhamento das *fake news* não eram tão espontâneos quanto se pensava.



Ora, você pode me perguntar: Eu compartilho apenas as coisas que eu gosto, coisas em que acredito, textos e imagens que me foram repassados por pessoas de confiança. Como isso pode não ser espontâneo?

É justamente aí que entram em cena o poder dos algoritmos e do Big Data em nossas vidas, nossos comportamentos, nas propagandas, discursos e notícias que chegam até nós. O advento da internet doméstica, dos smartphones e das mídias sociais gera um aumento contínuo de número de dados que circula nas redes.

Cada vez que interagimos nas redes, reproduzimos mais informações sobre nós e sobre os que interagem por nós. Essas informações estão sendo computadas, analisadas e cruzadas por softwares muito poderosos – que, ao fim das análises, geram quadros que servem a tomadas de decisão, especialmente na área de marketing. Não por acaso, se digitamos sofá na busca do Google, poucos segundos depois somos bombardeados por uma verdadeira avalanche de propagandas de sofá em nossas redes sociais.



Foi exatamente esse tipo de análise de dados que passou a ser usado no mundo da política. Nos EUA, a empresa de dados Cambridge Analytica, que trabalhou para a campanha de Donald Trump, foi acusada de ter obtido acesso ilegal de dados pessoais de, aproximadamente, 50 milhões de usuários do Facebook. Esses dados teriam sido utilizados não apenas para direcionar notícias, mas para produzir notícias falsas que pudessem gerar engajamento e mobilização de públicos determinados, em favor das pautas de campanha do então candidato.



Comentário

Segundo o jornal El País (2018), o ex-diretor de Tecnologia da empresa, Christopher Wylie, denunciou que a informação obtida foi usada para traçar perfis de eleitores e lhes dirigir propaganda política personalizada e notícias falsas. Isso lhes permitiu, segundo ele, influenciar nas eleições norte-americanas e, também, por intermédio de empresas vinculadas, em outros processos eleitorais, como o referendo do **Brexit** (saída dos ingleses da União Europeia). Esse escândalo teve impacto também sobre a rede Facebook (atualmente pertencente à holding Meta), cujo idealizador, Mark Zuckerberg enfrentou inúmeros processos nos EUA em função desse vazamento de dados.

Em 2018, as eleições presidenciais no Brasil também foram alvo desse tipo de investigação. O número de *fake news* em fluxo nas diversas redes sociais, em especial no WhatsApp, aumentou exponencialmente durante as campanhas. Foram descobertas enormes quantidades de perfis falsos, criados unicamente para repassar informações mentirosas e produzir mobilização e engajamento no WhatsApp e no Twitter. Posteriormente, foi constatado que algumas empresas estavam comprando pacotes de disparos em massa contra os opositores de Bolsonaro. Esses disparos eram feitos, em parte, a partir de bases de dados vendidas por agências de estratégia digital.



Atenção

Considerando esses fenômenos, percebemos que não foi ao acaso a escolha da palavra do ano pela Universidade de Oxford, em 2016: *Pós-verdade*. Na Era da informação, sabe-se que as pessoas estão mais condicionadas a acreditar em algo que, de certa forma, já esteja alinhado com suas próprias visões de mundo. Segundo o historiador Leandro Karnal (2017), trata-se de uma seleção afetiva de identidade. Desse modo, a Pós-verdade se manifesta quando os dados gerados pelos indivíduos são analisados e manipulados, aproveitando-se dessa seletividade, para direcionar informações. As *fake news* tornam-se, assim, uma ferramenta da Pós-verdade.



No que concerne às *fake news*, é importante que sempre procuremos averiguar as notícias que nos chegam, antes de repassá-las.

De todo modo, nós seguimos usando as redes e nossos dados circulam por aí. Há maneiras de mitigar as consequências do uso do Big Data e de usar as ferramentas da tecnologia para a construção de novos caminhos de solidariedade e ação política. Sabemos de inúmeros casos

em que as redes sociais são usadas para ativar projetos solidários e promover ações de saúde, autogestão, entre outras.



Exemplo

Em meio à pandemia do Coronavírus, podemos acompanhar, por exemplo, a imensa mobilização na favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde líderes comunitários e moradores se organizam em um projeto de autogestão para proteção da comunidade em meio ao caos sanitário. Esse tipo de ação seria muito mais difícil de ser executado sem o auxílio das redes – que, inclusive, servem para divulgação e arrecadação de doações.

Por fim, ao analisarmos a Era da Informação, não podemos deixar de citar o autor dessa expressão, o sociólogo **Manuel Castells**. Castells (2002) analisou os impactos da tecnologia digital nas empresas, no mundo do trabalho e, também, na gestão pública. Segundo ele, vivemos uma cultura da virtualidade real, em que todas as nossas interações, sejam nas relações pessoais ou de trabalho, são completamente mediadas pela internet – ou seja, pela realidade virtual –, o que tem um impacto no nosso imaginário coletivo e em nossas representações de mundo.

Manuel Castells

Manuel Castells Oliván é um sociólogo espanhol. No livro *A Sociedade em Rede*, o autor defende o conceito de capitalismo informacional.

As formas de trabalho e, até mesmo, as relações afetivas, também são cada vez mais impactadas e mediadas pelas redes sociais e aplicativos. Em um mundo em que a busca da felicidade individual e a capacidade de

consumo são valores máximos, ao mesmo tempo que o trabalho torna-se, a cada dia mais, gestão de si mesmo, sem vínculos ou proteção social, a solidão torna-se fenômeno social e deve-se prestar atenção em nossas condições de saúde mental nessas novas circunstâncias. As redes de solidariedade expostas anteriormente podem, nesse sentido, ser uma forma de amenizar esses novos tipos de sofrimento.

Verificando o aprendizado

Questão 1

(COPESE - UFT 2017) O ano de 2016 foi marcado por grande movimentação política no mundo e no Brasil, pautando-se, em grande medida, as discussões nas redes sociais. A proliferação de boatos ganhou dimensões inimagináveis com ferramentas como o Facebook e o WhatsApp, o que foi decisivo, como avaliam especialistas, para que informações falsas tivessem alcance e legitimidade. Nesse contexto, o termo Pós-verdade foi registrado pelo Oxford Dictionaries, tornando-se a palavra do ano (2016), segundo a Universidade de Oxford. Analise as afirmações relacionadas ao termo Pós-verdade e assinale a alternativa incorreta.

- ☐ A Está associada ao universo político e diz respeito a mentiras utilizadas como estratégias de marketing.
- ☐ B Denota a ideia de que os fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos emocionais, crenças pessoais que são, principalmente, compartilhados nas redes sociais.
- ☐ C É um novo termo para designar a forma como a imprensa escrita analisa e divulga os discursos políticos.
- ☐ D A campanha eleitoral de Donald Trump (EUA) e o referendo que decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia, conforme apontam acadêmicos e analistas políticos, são exemplos emblemáticos do uso da Pós-verdade.



A alternativa C está correta.

A Pós-verdade baseia-se na análise de dados para direcionar informações de acordo com nosso perfil. Não se trata de uma forma de análise de discursos políticos, mas de distorção e manipulação de notícias falsas.

Questão 2

(CESPE UNB – 2010) O processo atual de transformação tecnológica expande-se exponencialmente, em razão de sua capacidade criar uma interface na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. Esse é, no mínimo, um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura. Manuel Castells. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2008 Com essa passagem, Castells quer dizer que:

A tecnologia da informação é, para esta revolução, o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas, visto que a geração e a distribuição de energia foram elementos essenciais na base da sociedade industrial.

B O cerne da transformação que a sociedade está vivendo na atual revolução tecnológica está ligado aos produtos, à ciência e à comunicação.

C Uma das características dessa revolução é a centralidade de conhecimentos cientificamente embasados.

D Computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética tornam-se dispositivos cada vez mais distanciados da ação e do pensar humano.



A alternativa A está correta.

Essa é uma questão interpretativa. No trecho destacado, Castells compara a importância da tecnologia da informação para o mundo atual com o impacto da Revolução Industrial no século XVIII. O tema de Castells são as tecnologias digitais de informação e suas formas de mediação dos nossos imaginários coletivos.

Considerações finais

Afinal, quando surgiram as Sociedades em Rede? Desde sempre! A variação é o tamanho. Pode ser uma redinha, ou uma enorme rede complexa. O que vivemos no Século XXI, filho de movimentos do século XVI até o XX, é que estamos nos estruturando em uma grande rede, e cada vez mais complexa.

Visamos provocá-los à clareza, a construir a dinâmica dessas redes em sua mente, em seu cotidiano, para que ela continue crescendo e se diversificando, bem como amplifique a tecnologia nesse processo.

Podcast

Para encerrar, ouça sobre A sociedade em rede.



Conteúdo interativo

Acesse a versão digital para ouvir o áudio.

Explore+

Para saber mais sobre os assuntos explorados neste tema, assista:

- Ao documentário *Trabalho interno (Inside Job)*, direção Charles Ferguson, 2010. Fonte: Filmow.
- Ao filme *A grande aposta (The Big Short)*, direção Adam McKay, 2016. Fonte: Filmow.
- A série de documentários da BBC denominada *Walking with cavemen*, direção: Pierre de Lespinois e Richard Dale, 2003. Fonte: Filmow.

Para saber mais sobre os assuntos explorados neste tema, leia:

- *A explosão da informação nos primórdios da Europa moderna*. BURKE, Peter. **Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna**. São Paulo: Estudos Avançados, 2002. 16v.
- *Ética e Pós-Verdade*. DUNKER, Christian et al. **Ética e Pós-Verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- *Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho*. POCHMANN, Marcio. **Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho**. Campinas, São Paulo: IE/Unicamp, 1997.
- *América Latina e decolonialismo*. BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. In: Revista Brasileira de Ciência Política. 11. ed. Brasília: Universidade Federal de Pelotas, 2013.
- *Multiculturalismo, Diversidade e Direitos Humanos*. MELO, J. W. Rodrigues de. **Multiculturalismo, Diversidade e Direitos Humanos**. In: XII Congresso Nacional de Educação – EDUCARE. Paraná: PUC, 2015.
- *Contextos Globais*. Bandung, 1955: *Ponto de Encontro Global*. REIS, R. Brescia dos; RESENDE, T. A. Garrido. **Histórias em Contextos Globais**. Bandung, 1955: Ponto de Encontro Global. Ipatinga, MG: Instituto Federal de Minas Gerais, 2019.

- *Corpo, feminismo e acumulação primitiva*. FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- *Imperialismo e cultura*. SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Para saber mais sobre os assuntos explorados neste tema, acesse:

- *Cultura do patriarcado e desigualdades históricas entre os sexos*. ANFLOR, Nadine. **Cultura do patriarcado e desigualdades históricas entre os sexos são vetores de uma epidemia de violência contra a mulher**. [Entrevista concedida a] João Vitor Santos. *In: Revista IHU Online*, 2019.
- *Patriarcado e propriedade privada*. VIALE, Guido. **A raiz do patriarcado e o conceito de propriedade privada**. Tradução de Moisés Sbardelotto. *In: Revista IHU Online*, 2018.

Referências

BRASIL é o 3º país com o maior número de usuários do Facebook. *In: R7*. Publicado em: 02 mar. 2019.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: A ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Imagined Globalization**. North Carolina: Duke University Press, 2014.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização está desprestigiada**. [Entrevista concedida a] Hector Pavon. *In: Revista IHU Online*, 2020.

CARVALHO, Pedro. **Paraisópolis lança plano contra Coronavírus e pede ajuda**. *In: VEJA*, 2020.

CASTELLS, M. **Local and Global**: Cities in the Network Society, *Tijdschrift Voor Economische En Sociale Geografie*, 2003. 93 v(5). p 548–558.

CAVA, Bruno. **O horizonte dos desafios contemporâneos foi traçado no mapa de junho de 2013**. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. *In: Revista IHU Online*, 2018.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. São Paulo: Zahar, 1990.

FACEBOOK completa 15 anos com 2,3 bilhões de usuários. *In: G1*. Publicado em: 04 fev. 2019.

FUKUYAMA, Francis. **The end of the history and the last man**. New York: Harper Perennial, 1993.

GROSFOGUEL, Ramon. **The epistemic decolonial turn**. *Cultural studies*, 2007. v. 21, p 211-223.

GUIMÓN, Pablo. **Cambridge Analytica, empresa pivô no escândalo do Facebook, é fechada**. *In: EL PAÍS*, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Tradução de Janaína Marcoantonio. São Paulo: L&PM, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **Why fascism is so tempting** – and how your data could power it. Consultado em meio eletrônico em: 21 abr. 2020.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos**: O ódio nosso de cada dia. São Paulo: LeYa, 2017.

MARCHESSAULT, Janine. **Marshall McLuhan**. Londres: Sage Publications, 2005.

MARS, Amanda. **Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?** *In*: EL PAÍS, 2018.

MARTÍ, Silas. **Facebook vira alvo de processos nos EUA**. *In*: Folha de S. Paulo, 2018.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **Information Theory**, 1966.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **The Gutenberg Galaxy**. Toronto: University of Toronto, 1963.

MELLO, Patrícia Campos. **Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp**. *In*: Folha de S.PAULO. Publicado em: 18 out. 2018.

MIGLIACCI, P. **Concedido mandado para revista no escritório da Cambridge Analytica em Londres**. *In*: Folha de S. Paulo. Publicado em: 23 mar. 2018.

NOTÍCIAS falsas sobre eleição nos EUA têm mais alcance que notícias reais. *In*: G1. Publicado em: 17 nov. 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. *In*: El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

SAKAMOTO, Leonardo. **Em São Paulo, o Twitter e o Facebook foram às ruas**. *In*: MARICATO, Ermínia *et al.* Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013, p. 95-100.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2001.

VÉGH, Sándor. **Classifying forms of online activism**: The case of cyberprotests against the World Bank. *In*: MCCAUGHEY, M.; AYERS, M. D. Cyberactivism: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.

WALLERSTEIN, Emmanuel. **The modern World-System II: Mercantilism and the consolidation of the European World-Economy, 1600-1750.** California: University of California Press, 2011.